

# Espaços, Vivências e Pessoas

Manoel Jaime Xavier Filho

Edições



**CRM-PB**  
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DA PARAÍBA

**ideia**

EDIÇÃO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA – PB  
GESTÃO 2018-2023

DIRETORIA

Mandato 1º de abril/2021 a 31 de março/2021

**Presidente:** João Modesto Filho

**1º Vice-presidente:** Antônio Henriques de França Neto

**2º Vice-presidente:** Débora Eugênia Braga Nóbrega Cavalcanti

**1º Secretária:** Luciana Cavalcante Trindade

**2º Secretário:** Walter Fernandes de Azevedo

**Tesoureiro:** Heraldo Arcela de Carvalho Rocha

**2º Tesoureiro:** Bruno Leandro de Souza

**Corregedor:** Klécio Leite Fernandes

**Vice corregedor:** Valdir Delmiro Neves

CONSELHEIROS DO CRM-PB

EFETIVOS	SUPLENTES
Álvaro Vitorino de Pontes Junior	Ana Karla Almeida de Medeiros Delgado
Antônio Henriques de França Neto	Arlindo Monteiro de Carvalho Junior
Bruno Leandro de Souza	Arnaldo Moreira de Oliveira Junior
Dalvílio de Paiva Madruga	Cláudio Orestes Brito Filho
Debora Eugênia Braga Nóbrega Cavalcanti	Felipe Gurgel de Araújo
Diogo de Medeiros Leite	Francisco Antônio Barbosa de Queiroga
Emerson Oliveira de Medeiros	Gláucio Nóbrega de Souza
Fernando Salvo Torres de Mello	Guilherme Muniz Nunes
Flávio Rodrigo Araújo Fabres	Jânio Cipriano Rolim
Heraldo Arcela de Carvalho Rocha	José Calixto da Silva Filho (Rep. Suplente da AMPB)
João Alberto Moraes Pessoa	Juarez Carlos Ritter
João Gonçalves de Medeiros Filho	Marcelo Gonçalves Sousa
João Modesto Filho	Márcio Rossani Farias de Brito
Jocemir Paulino da Silva Junior	Mário de Almeida Pereira Coutinho
Klécio Leite Fernandes	Mário Toscano de Brito Filho
Luciana Cavalcante Trindade	Og Arnaud Rodrigues
Marcelo Antônio Cartaxo Queiroga Lopes	Philipe Oliveira Alves
Roberto Magliano de Moraes	Ricardo Loureiro Cavalcanti Sobrinho
Valdir Delmiro Neves	Umberto Joubert de Moraes Lima
Walter Fernandes de Azevedo	Wagner da Silva Leal
Wilberto Silva Trigueiro	

[Retorna ao Sumário](#)

Manoel Jaime Xavier Filho

# *Espaços, Vivências e Pessoas*

Ideia – João Pessoa - 2021

[Retorna ao Sumário](#)

Direitos da edição reservados ao CRM-PB.  
A responsabilidade sobre o texto é do autor.

Capa/Editoração: Magno Nicolau

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
de acordo com ISBD

X3e Xavier Filho, Manoel Jaime.

Espaços, vivências e pessoas [recurso eletrônico] / Manoel Jaime Xavier Filho. – Dados eletrônicos: João Pessoa: Ideia, 2021.

2mb pdf

ISBN 978-65-5608-205-9

1. Medicina – história – Paraíba. 2. Estabelecimentos médicos – história - Paraíba. 3. Práticas e serviços médicos - história. 4. Saúde pública – espaços - Paraíba. I. Título.

CDU 61:355.72 (091) (813.3)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária  
Gilvanedja Mendes, CRB 15/810

  
E D I T O R A

[www.ideiaeditora.com.br](http://www.ideiaeditora.com.br)  
[contato@ideiaeditora.com.br](mailto:contato@ideiaeditora.com.br)

[Retorna ao Sumário](#)

*Aos netos:*

*Alice,*

*Felipe,*

*Lucas,*

*Pedro.*

[Retorna ao Sumário](#)

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
SEDE DA FACULDADE DE MEDICINA .....	12
A TRANSFERÊNCIA PARA A RUA ALBERTO DE BRITO .....	24
HOSPITAL SANTA ISABEL.....	33
AMBULATÓRIO DESEMBARGADOR NOVAIS .....	45
LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS.....	51
PAVILHÃO GUEDES PEREIRA .....	58
AMBULATÓRIO DE CLÍNICAS .....	64
DIRETÓRIO ACADÊMICO NAPOLEÃO LAUREANO...	68
INSTITUTO DE PUERICULTURA E PEDIATRIA .....	73
CAPELA E CLAUSURA.....	81
COLÔNIA JULIANO MOREIRA .....	86
MATERNIDADE CÂNDIDA VARGAS.....	94
HOSPITAL DE PRONTO SOCORRO .....	102

[Retorna ao Sumário](#)

## INTRODUÇÃO

Estudamos medicina em João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no período de 1966 a 1971. Constituímos a décima quinta turma da faculdade. Nessa época cada faculdade funcionava de maneira autônoma, já que a reforma cêntrica universitária só seria implantada no Brasil em 1974.

Este trabalho ao citar alguns professores, restringe-se apenas, e tão somente, aos que ministraram aulas na referida turma.

O Hospital Universitário Lauro Wanderley da UFPB ainda não existia, e as atividades práticas do curso se desenvolviam em alguns ambulatorios e hospitais espalhados pela cidade, pertencentes à esfera pública e à Santa Casa de Misericórdia com os quais a universidade mantinha convênio.

O governo federal só assegurava atendimento médico aos que possuíam emprego formal, com registro na carteira de trabalho ou

pagassem sua contribuição ao Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social - Inamps. É que o Sistema Único de Saúde (SUS), a maior conquista do povo brasileiro no campo da assistência médica, só seria criado em 1988, quando passou então a garantir cobertura médico-hospitalar a todos os brasileiros.

Até seu surgimento, aos excluídos havia a alternativa de procurar os ambulatórios e hospitais ligados ao funcionamento da faculdade de medicina, além dos demais serviços médicos estaduais e municipais de natureza exclusivamente assistencial.

Neste contexto estiveram em ação o doente, o docente e o discente, todos desempenhando o seu respectivo papel. O paciente encontrava a chance para a cura ou alívio dos seus males, ocasião em que proporcionava ao estudante a oportunidade do treinamento sob supervisão, cabendo ao professor a missão precípua de transferir aos acadêmicos, conhecimentos específicos e a maneira consentânea de exercer a profissão, centrada nos princípios da ética e do humanismo.

[Retorna ao Sumário](#)

Nunca é demais ressaltar a importância desses espaços junto aos desassistidos e ao curso de medicina, até à inauguração do Hospital Universitário da UFPB, em 12 de fevereiro de 1980.

Esses prédios são lugares que suscitam lembranças e guardam significâncias para os que aqui residem. Teriam que ser, portanto, preservados e apreciados por todos, em especial, por parte do poder público, o que infelizmente nem sempre acontece.

Quando os habitantes desconhecem a história da sua cidade, do seu sítio, tendem a ficar indiferentes diante da deterioração ou da falta de conservação do seu patrimônio. Como consequência, não há indignação, nem reação por parte das pessoas, se por exemplo, um monumento não é bem cuidado, a nascente de um córrego tem sua vegetação nativa destruída, o rio torna-se poluído, uma árvore é abatida sem uma razão plausível, um imóvel de valor histórico ou artístico fica abandonado ao léu por anos a fio, ou vem abaixo, e como estas, outras situações análogas.

A consciência preservacionista não precisa colidir com o progresso inevitável e até desejável que identificará a ocasião acertada para novas edificações e obras urbanísticas. A modernização não significa demolir o antigo e no mesmo local construir o novo, e sim, conciliar a boa herança deixada pelos ancestrais, quando merecedora da manutenção, com as exigências contemporâneas, papel a ser exercido com discernimento pelas gerações conscientes e competentes de cada tempo, a pluralidade como riqueza.

Por que, por exemplo, se destruiu a antiga sede do centenário jornal A União, que dispunha de uma cúpula sobre a qual pousava uma bela águia de asas abertas, para em seu lugar fazer surgir um prédio envidraçado, igual a tantos outros? Perdeu-se para sempre um ângulo arquitetônico peculiar da cidade, referendado pela mudez omissa da sociedade de então. Lamentavelmente, são situações que se repetem causando desprazer aos que compreendem a obrigação de se lutar pelo resguardo desses bens.

O respeito esperado às diferenças, em algum aspecto, lembra o que pode ocorrer a uma família quando convivem harmonicamente bisavós, avós, pais, filhos, netos e bisnetos, cada um transmitindo o seu modo de viver, sua época e seus códigos, muito tendo o que oferecer uns aos outros, numa rica e saudável reciprocidade.

Nos capítulos seguintes serão feitos comentários breves sobre estes lugares, que assemelhados a um palco permitiram a *performance* dos seus atores - aqueles que os frequentaram. Quantas não foram neles ocorridas, vivências humanas e suas emoções as mais diversas, prazerosas e infortunosas?

Os imóveis aqui aludidos, de certa forma trazem à tona, a leitura do livro *Noites Brancas*, no qual o universal *Dostoiévski* compartilha com o leitor, um hipotético diálogo amigável acontecido entre seu personagem e alguns dos prédios de São Petersburgo, cidade onde o escritor russo viveu a maior parte da sua vida.

## SEDE DA FACULDADE DE MEDICINA

A criação da Faculdade de Medicina da UFPB guarda uma história bonita, marcada pela presença de sonhos e determinação no cumprimento de objetivos consistentemente delineados.

Foram seus mentores, os médicos Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega e Lauro dos Guimarães Wanderley que com entusiasmo e fé inabalável, conceberam a ideia. Contactaram alguns colegas, convidando-os a aderir à causa.

A abordagem aos escolhidos foi feita individualmente, sendo justificado o motivo da intenção, com exposição de argumentos e detalhamento da sua execução. Como esperado, nem todos abraçaram a utopia, receosos dos enormes obstáculos inerentes ao desafio, de ordem financeira, burocrática e a inevitável descrença que haveria de surgir por parte de

setores retrógados que integravam a sociedade.

Vencida a primeira etapa, ocorreu uma reunião com os aderentes no dia 25 de março de 1950, na sede da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba. Na ocasião foi então aprovada formalmente a criação da primeira Faculdade de Medicina da Paraíba que veio à luz, na forma de uma entidade privada.

Começaria no dia seguinte a hercúlea missão reservada aos destemidos, contando com a colaboração de muitos e o negativismo de alguns poucos. Tiveram os fundadores de contrair empréstimo junto à Caixa Econômica Federal para o necessário capital inicial. Nesse começo, foram inestimáveis a assessoria jurídica do desembargador Paulo Bezerril e a dedicação de Dr. Francisco Porto, futuro professor de cirurgia da novel instituição.

Dr. Humberto Nóbrega àquela altura, designado por seus pares para ser o primeiro diretor da recém-criada escola superior, cuidou incansavelmente da documentação obrigatória – Regimento Interno, *Curriculum* dos Professores, Estatuto da Sociedade Civil

mantenedora da Faculdade e inúmeras outras exigências do Ministério da Educação.

Neste mesmo ano, transcorria a disputadíssima campanha eleitoral para governador do estado da Paraíba, tendo como candidatos dois grandes homens públicos brasileiros, José Américo de Almeida e Argemiro de Figueiredo, saindo-se vencedor o primeiro.

Sendo Dr. Humberto Nóbrega opositor político de Dr. José Américo, julgou mais acertado renunciar ao cargo de Diretor da Faculdade, indicando para o seu lugar o nome de Dr. Newton Nobre de Lacerda, decisão acatada pelos demais, mas dispensável na opinião do novo diretor.

O que se viu é um outro episódio edificante no desenrolar dos acontecimentos. Em prol da Faculdade, agigantaram-se estes dois magnânimos paraibanos, Humberto Nóbrega e José Américo de Almeida.

Dr. Humberto Nóbrega deslocou-se para o Rio de Janeiro (então Distrito Federal), onde aproveitou para fazer um curso de especialização em Saúde Pública e, principalmente, para ter acesso aos gabinetes do Ministério da

Educação com o objetivo de destravar obstáculos burocráticos intermináveis relativos à autorização do funcionamento da sua Faculdade de Medicina. Nessa nova incumbência, contou com o decisivo apoio do irmão, o ministro Fernando Nóbrega e outras autoridades influentes.

E assim, graças também à providencial interferência do prestigiado Governador José Américo de Almeida e ao ingente esforço de Dr. Humberto Nóbrega nos corredores ministeriais, surgiu em 27 de novembro de 1951, o decreto presidencial de número 30.211, autorizando o funcionamento da Faculdade. Uma alegria incontida invadiu os corações dos utopistas, mas em nenhum momento, esquecendo a noção de realidade, sabiam, outros embates viriam.

No dia 15 de março de 1952, abriu-se o ano letivo com a aula de sapiência, proferida pelo Professor Arnaldo Tavares de Melo tendo como tema *A psicose do medo e sua influência nas coletividades*.

Anos depois, seu filho Flávio Tavares, consagrado artista plástico brasileiro, regis-

trou em uma das suas pinturas, o pai com a esposa e filhos, à beira mar da Praia do Cabo Branco. Na tela, Dr. Arnaldo Tavares está de pé e de costas usando chapéu, vestindo camisa e calças brancas, mãos para trás, cruzadas, segurando os sapatos. Contempla respeitosamente o Cabo Branco em toda sua extensão, numa atitude de encantamento e reflexão, assim nos parece.

Retomando a sequência dos fatos acontecidos: Na Praça Dois de Novembro, no Varadouro, um prédio havia sido construído para ser o Instituto de Anatomia Patológica e Verificação de Óbitos do Estado, o qual foi cedido pelo governo estadual para ser a sede da Faculdade, acomodando a diretoria, secretaria, biblioteca, almoxarifado, salas de aula destinadas às disciplinas do ciclo básico e seus laboratórios.

Para a disciplina de histologia, foi designado Dr. Napoleão Laureano, falecido precocemente deixando-a vaga.

Dr. Humberto Nóbrega, nos primeiros dias de 1952, conseguiu de Dr. Hildebrando Portugal, professor de histologia no Rio de

Janeiro, duas cartas, uma apresentando Dr. Newton Lacerda ao Professor Celestino A. da Costa, e a segunda, dirigida ao professor Alessandro Ferrari, respectivamente professores de histologia e embriologia em Lisboa e Turim, ambos muito conceituados nos meios universitários europeus. Nas cartas, havia uma solicitação aos ilustres catedráticos para que indicassem um dos seus auxiliares que por um período, pudesse implantar a disciplina de histologia da faculdade paraibana.

Dr. Newton Lacerda optou por dirigir-se ao mestre português. Dispensando os detalhes das conversações, registrados nas cartas, trocadas entre os dois, as resistências foram vencidas, tendo o Professor Celestino Costa indicado o nome do seu principal assistente, o Professor Francisco de Paula Santos Geraldês Barba que, de bom grado, aceitou a incumbência de aqui passar dois anos, iniciando-a em agosto de 1952.

Outra vez, fez-se sentir positivamente a influência do Governador José Américo, ao atuar junto ao Ministério das Relações

Exteriores e meios diplomáticos, no sentido de agilizar a vinda do docente lusitano.

No início do primeiro semestre, a disciplina esteve a cargo do Professor Arnaldo Tavares, mas por pouco tempo, até 5 de abril, quando precisou viajar à Europa. O Professor Arnaldo Tavares era respeitado pelo seu conhecimento enciclopédico. Para ele, estava reservada a disciplina de Patologia Geral. Geneticista do seu tempo, seguidor dos ensinamentos de *Gregor Mendel*, era também, dermatologista, sendo o responsável pela erradicação da boubá, na Paraíba, com o reconhecimento do Ministério da Saúde. Era igualmente desenhista, enxadrista, poeta, folclorista e estudioso da medicina popular. Atestam os seus dois livros: *Estudos Etnomedicinais Sobre Plantas e Crendices Populares*, além de um terceiro, *O Médico e o Poeta*, voltado para a poesia.

No Museu de Medicina de Pernambuco, há algumas peças em cera, confeccionadas por ele, que ilustram lesões dermatológicas, utilizadas no passado como recurso didático. No interregno entre a saída do Professor Arnaldo Tavares e a chegada do Professor

Geraldes Barba, o Professor Vitorino Maia esteve à frente da disciplina.

Decorridos os dois anos, o Professor Geraldes Barba, tendo, com eficiência, cumprido sua missão, retornou ao seu país, foi quando, e em definitivo, o Professor Vitorino Maia assumiu a cadeira, sem antes deixar de fazer um estágio de reciclagem na disciplina de histologia e embriologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, sob orientação do Professor L. C. Junqueira. O Professor Vitorino foi autor dos livros *Técnica Histológica*, *Citologia*, e *Reminiscências e Gratidão*, este último de crônicas.

Dr. Humberto Nóbrega ainda traria de São Paulo, o respeitadíssimo Professor da USP, Samuel Barnsley Pessoa, cientista e pesquisador brasileiro, autor do conhecido livro *Parasitologia Médica*, para aqui estruturar e ministrar a disciplina de parasitologia. Com ele, veio também outro destacado cientista brasileiro, o Professor Hildebrando de Assis que, por questões ideológicas, precisou deixar o país, radiando-se em Paris onde atuou no *Instituto Pasteur*. Quando retornou ao Brasil, esteve ainda

à frente de pesquisas científicas realizadas na Amazônia.

O Professor Humberto Nóbrega não pararia por aí, atrairia do Rio de Janeiro o Professor Eugênio de Carvalho, endocrinologista e nutricionista, para a disciplina de Bioquímica. Aqui constituiria família, radicando-se definitivamente em João Pessoa. Concluiria sua carreira universitária como coordenador da disciplina de Terapêutica Clínica, e seria um dos fundadores da Academia Paraibana de Medicina em 1980. Destacou-se como poeta com vários livros publicados e teve uma companhia de teatro.

O Governador José Américo, dando seqüência ao seu envolvimento com o projeto da Faculdade de Medicina, interveio para o reconhecimento do curso de medicina pelo Ministério da Educação, obtido através do decreto 38.011, de 05 de outubro de 1955, além de contribuição financeira mensal assegurada pelo erário estadual.

A Assembleia Legislativa, a bancada federal paraibana e outras autoridades, até de outros estados, também ofereceram sua

contribuição. Um esforço de muitos convergindo para a realização de um sonho identificado com uma causa coletiva.

O incansável Professor Humberto Nóbrega escreveria mais tarde alguns livros entre os quais, *Arte Colonial da Paraíba* e *Augusto dos Anjos e Sua Época*. Deixaria um importante acervo, com cerca de mil fotografias sobre eventos e aspectos da cidade de João Pessoa. Ocupou também o cargo de reitor da UFPB.

Em 1955, o governador José Américo de Almeida criou a Universidade Estadual da Paraíba, reunindo os cursos de nível superior já em funcionamento, incluindo-se o de medicina. Cumpria-se a etapa da estadualização do curso médico.

No dia 13 de dezembro de 1960, deu-se a federação da Universidade Estadual da Paraíba através da Lei 3.053, assinada pelo presidente Juscelino Kubitschek dando origem à Universidade Federal da Paraíba. Para este fato de incomensurável dimensão, muito contribuiu o empenho do ministro paraibano Abelardo Jurema.

No dia 15 de dezembro de 1957, ocorreu a colação de grau da primeira turma da Faculdade de Medicina da Paraíba, em sessão solene acontecida no Teatro Santa Rosa.

Estes foram, resumidamente, os passos trilhados pelos abnegados fundadores e seus colaboradores, culminando com a criação e funcionamento da primeira Faculdade de Medicina do estado da Paraíba, uma trajetória heroica, coroada por devaneios, audácia, sacrifícios, competência e muito trabalho.

E agora, o lado destoante e preocupante, o prédio do Varadouro que serviu de sede para a primeira Faculdade de Medicina do estado da Paraíba, pertencente à Universidade Federal da Paraíba, está completamente abandonado e em ruínas, o teto veio abaixo. Ainda restam de pé, suas paredes sólidas como que, implorando aos de hoje, o respeito aos de ontem.

Urge, sejam tomadas providências imediatas para salvar esse patrimônio, restaurando-o e atribuindo-lhe uma função contemporânea. A negligência à memória histórica e o

desapreço pelo trabalho exemplar de ilustres professores no passado, no campo do ensino superior, precisarão ser corrigidos pela lucidez dos dirigentes da universidade.

Uma vez restaurado, desejável seria a instalação de um painel cerâmico em sua fachada frontal, externamente, e de real valor artístico, tendo por tema *A Vida e a Morte*.

Isso porque naquela casa tornada sagrada, situada ao lado do cemitério Senhor da Boa Sentença, no pavilhão de anatomia, juntos estiveram o cadáver desconhecido e jovens acadêmicos cheios de vida, radiantes e confiantes rumo à construção do seu futuro.

Que bela história a da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Paraíba!

## A TRANSFERÊNCIA PARA A RUA ALBERTO DE BRITO

A sede da faculdade teve que passar por uma ampliação com o fim de melhor acomodar as disciplinas de anatomia e histologia.

Em 1966, quando ingressamos na faculdade, já encontramos a disciplina de anatomia, dotada de uma sala de aula, no primeiro andar, projetada à maneira de um auditório com declive e duas lousas. No térreo, em um amplo salão, o pavilhão de anatomia com mesas de dissecação, órgãos e fetos em depósitos de vidro e tanques com formol para a guarda de cadáveres e peças anatômicas. A um canto, encontrava-se um esqueleto montado, mantido na posição de pé, preso a uma estrutura de madeira, lembrando um cadafalso. Nas proximidades em um setor específico, muitos eram os ossos humanos reservados às aulas práticas de osteologia.

O respeitável Professor Asdrubal Marsiglia de Oliveira, um dos grandes anatomistas brasileiros do seu tempo, e seu competente assistente, Professor Aníbal Moura, eram os responsáveis pela disciplina. Comumente, após o término da aula teórica, por volta das dezenove horas, permaneciam voluntariamente até tarde da noite no pavilhão, para embalsamamento de cadáveres e preparação de peças anatômicas, excedendo, em muito a carga horária estabelecida no contrato com a universidade.

Em um depoimento do seu dileto assistente, passamos a saber de algumas particularidades do titular:

*Mostrava-se o Professor Asdrubal particularmente atraído pela neuroanatomia, estudando-a à exaustão. Em ocasiões, numa atitude solitária, tinha o hábito de contemplar por algum tempo o osso esfenoide, detendo-o suavemente por entre seus dedos da mão direita, em movimento. Com muita paciência, dissecou os ossículos bigorna, estribo e martelo dispondo-os espacialmente,*

*mantendo este arranjo em seu armário como se fosse um troféu ou algo lúdico. Era também um admirador da cultura oriental sobre a qual muito lia.*

Aquele ambiente solene e misterioso, visitado por fantasmas na versão de alguém, parecia convocar o espírito do revolucionário anatomista belga *Andreas Vesálio* (1514 – 1564) que, às escondidas, e tarde da noite, carregava corpos de enforcados para, em sua casa, realizar dissecações, proibidas naquele tempo.

Por sua vez, a histologia ficava também no primeiro andar, ao lado do auditório de anatomia. Sua sala de aula era modesta ficando o destaque para a sala de microscopia, instalada com recursos da *Fundação Rockefeller*, fato registrado em uma plaqueta de alumínio.

Era um local alinhado, bem mais comprido do que largo, climatizado, alcatifado, e com iluminação indireta. Contava com cerca de dez bancadas altas, revestidas de fórmica da cor preta fosca, uma atrás da outra, formando uma única fileira. Cada bancada

[Retorna ao Sumário](#)

recebia dois microscópios para o estudo das lâminas, literalmente uma imersão na intimidade dos tecidos constituintes do corpo humano. Para cada microscópio, um banco de madeira e envernizado, com o assento redondo, lembrando os que são usados no balcão de um bar, assegurando a melhor posição para a leitura das lâminas, através da ocular do microscópio.

Porém, a reforma da sede não contemplou, plenamente as demais disciplinas do ciclo básico e a estrutura administrativa. A exiguidade de espaço impondo limitações.

Já estava claro que a faculdade teria que equacionar o impasse, demandaria uma área maior. Um desafio a mais nessa corrida de obstáculos.

Em um extenso terreno pertencente ao estado, situado entre as ruas Alberto de Brito e Bom Jesus, foram edificados o Hospital Infantil Arlinda Marques, da Legião Brasileira de Assistência - LBA, uma maternidade estadual, uma capela e a clausura das freiras. Muitas árvores frutíferas conferiam ao local um ambiente bucólico.

A referida maternidade encerrou suas atividades por não mais cumprir suas finalidades a contento e, em virtude da inauguração da moderna Maternidade Cândida Vargas, nas suas imediações, em 1945.

Nos pavilhões da maternidade desativada, após adequações, foi implantado o Hospital Estadual Clementino Fraga, destinado ao tratamento de portadores de tuberculose. Surgiu também, o Pavilhão Guedes Pereira com o objetivo de tratar doenças infectocontagiosas, localizado entre o Clementino Fraga e o Hospital Arlinda Marques.

Na década de cinquenta, o Ministério da Saúde inaugurou em João Pessoa, no bairro de Jaguaribe, à Rua Borges Bastos, um moderno e modelar hospital, com planta arquitetônica específica, destinado ao tratamento de tuberculose. Recebeu, igualmente, a designação de Clementino Fraga, eminente pneumologista brasileiro. O anterior, que pertencia ao estado, fechou suas portas.

Com senso de oportunidade e de imediato, os dirigentes solicitaram ao governo do estado, a cessão dessa área, então desocupada,

para abrigar a Faculdade de Medicina. Após conversações e *démarches* exitosas, em 13 de outubro de 1953, em decreto assinado no Palácio da Redenção, o então governador João Fernandes de Lima e o diretor Newton Lacerda concretizariam o intento, um novo e histórico episódio nessa caminhada tenaz.

No prédio do Varadouro, permaneceram apenas as disciplinas de anatomia, histologia, anatomia patológica e medicina legal, de certa forma, relacionadas ao cadáver.

O Professor Maurílio Almeida era o regente de anatomia patológica. Integrante da Academia Paraibana de Letras, distinguia-se por sua cultura geral e fidalguia. Em sua biblioteca particular, havia sessenta e cinco mil livros, todos catalogados e cuidados sob a supervisão de uma bibliotecária. Ainda hoje, a biblioteca se mantém preservada pelos familiares. Escreveu quatro livros, o mais relevante ficando para *Presença de Dom Pedro II na Paraíba*.

O Professor Oscar de Castro, titular de medicina legal, publicou no recuado ano de 1945, *Medicina na Paraíba* e tinha como

assistente, o Professor Genival Veloso que se tornaria uma referência nacional no campo da medicina legal, autor de muitos artigos e livros, entre os quais, o clássico *Direito Médico*, presentemente na décima sétima edição, e adotado em inúmeras faculdades brasileiras. Como professor convidado, ministrou aulas em Portugal e Espanha, mais precisamente, medicina legal em Coimbra e no curso de medicina forense em Valença.

Após as devidas adaptações, os antigos pavilhões da área da Alberto de Brito, doravante chamada Complexo da Alberto de Brito, acomodaram a direção da faculdade, secretaria, biblioteca, biotério, os laboratórios das disciplinas de parasitologia, microbiologia, farmacologia, bioquímica e fisiologia, almoxarifado, um serviço de radiologia e setores de apoio administrativo. Passarelas cobertas e o piso de mosaico interligavam os pavilhões.

Há um belíssimo bico de pena, feito pelo Professor Arnaldo Tavares, registrando esse novo visual da faculdade.

E, em uma crônica recente, assinada pelo sensível jornalista Carlos Pereira, o local

foi decantado sem deixar de se referir às pitangueiras que ornavam o acesso compreendido entre o portão da Rua Alberto de Brito e a entrada do primitivo Clementino Fraga. A certa altura, assim escreveu:

*Na minha memória ainda habitam as verdejantes pitangueiras que se punham, lado a lado. À entrada do Hospital Clementino Fraga, na rua Alberto de Brito (tinha que ser em Jaguaribe!) formando o mais belo, aromático e gostoso corredor de que tive notícia em toda a minha vida.*

*Ah! Aquelas pitangueiras. Ano passado fui lá conferir e nem sinal delas, nem da alameda de terra que elas ladeavam. Decerto foram sacrificadas numa das reformas que fizeram no Hospital. Da minha lembrança, porém, elas jamais desapareceram.*  
(...)

O extenso terreno do Complexo da Alberto de Brito receberia ainda os imóveis destinados ao Instituto de Puericultura e

[Retorna ao Sumário](#)

Pediatria, o Ambulatório de Clínicas e o Diretório Acadêmico, aos quais mais adiante nos referiremos.

## HOSPITAL SANTA ISABEL

A Universidade Federal da Paraíba só contaria com seu Hospital Universitário em 1980. Inaugurado no dia 12 de fevereiro, recebeu o nome do Professor Lauro Wanderley, um dos fundadores da Faculdade de Medicina.

E para sanar a lacuna, a universidade arrendou a parte térrea do secular Hospital Santa Isabel, pertencente à Santa Casa de Misericórdia, que nesse ínterim exerceu o papel de hospital escola, viabilizando as atividades teórico-práticas das disciplinas de clínica médica e cirurgia.

A Clínica Médica distribuía-se nas seguintes enfermarias: Semiologia Médica, Terapêutica, Primeira Clínica (cardiologia), Segunda Clínica (gastroenterologia e reumatologia) e Terceira Clínica (endocrinologia e hematologia). Tisiologia absorvia pneumologia e suas atividades se desenvolviam no Ambulatório de Clínicas.

[Retorna ao Sumário](#)

Frequentar o anfiteatro de anatomia para dissecar e estudar cadáveres, representa inequivocadamente, a primeira grande experiência impactante do curso médico, mas com uma atenuante: não há reclamações, dores, gritos, choros e sofrimento, sepultados que foram pela morte.

O início das atividades no hospital escola prenuncia uma segunda vivência muito mais desafiadora, representada pelo contato com a pessoa doente, do corpo e da alma, e que agora expressa o seu sofrer, ao tempo em que implora ajuda e solução para seus problemas. A grandeza desse instante foi assim sintetizada pelo Professor Lauro Wanderley: *O Médico é um reflexo de Deus na esperança dos que sofrem.*

Nessa altura, o acadêmico precisa se familiarizar com um bom compêndio de semiologia médica, onde encontrará os fundamentos para a arte de saber ouvir e examinar bem, um compromisso permanente enquanto vier a exercer a profissão. Da mesma maneira, a leitura de alguns livros literários muito contribuirá para alicerçar a formação do futuro

médico, a exemplo de: *O Alienista* (Machado de Assis); *A Morte de Ivan Ilitch* (Liev Tolstói); *Médicos de Homens e de Almas* (Taylor Caldwell); *Anotações de um Jovem Médico* (Mikhail Bulgákov); *Diário de um Louco* (Nikola Gógol); *O Médico e o Monstro* (Robert Louis Stevenson) e *Madame Bovary* (Gustave Flaubert).

Voltando ao Hospital Santa Isabel, uma rua estreita à sua frente, separa-o da Praça Caldas Brandão. Oferece um grande recuo que funciona como estacionamento, sombreado por árvores. Vendo-o de frente, à sua direita, encontrava-se a Escola de Enfermagem Santa Emília de Rodat e, à esquerda, na sequência, o Ambulatório Desembargador Novais e o Laboratório de Análises Clínicas. Entre os dois, duas salas de aula longitudinais, uma por trás da outra, e logo após o Laboratório de Análises Clínicas, a Maternidade Santa Isabel, à época, ainda não concluída.

As enfermarias do hospital eram espaçosas: paredes largas, o pé direito alto e o piso em pinho de riga. A porta e janelas de cada uma, sempre abertas, ofereciam luminosidade e arejamento. A disposição das enfermarias

conferia ao prédio uma estrutura quadrilátera, tendo ao seu centro um pátio ajardinado. Cada enfermaria identificada com um nome de santo ou santa, dispunha além das camas, de um birô e cadeiras de metal, uma balança e um armário.

A prescrição e evolução de cada paciente eram registradas manualmente em prontuários. Complementavam o hospital, o bloco cirúrgico, o setor de radiologia, postos de enfermagem, farmácia, cozinha, uma capela, almoxarifado e o setor administrativo.

No primeiro andar, reservado a clientes particulares e assistidos por planos de saúde, ficavam apartamentos, salas de cirurgia, posto de enfermagem e a residência das freiras, colaboradoras incansáveis para o bom funcionamento do hospital como um todo, em especial a irmã Rosa Celina, na parte administrativa, e a irmã Maria de Fátima visitando os pacientes nas enfermarias, oferecendo-lhes auxílio e orientação.

O historiador Wilson Seixas retratou em livro a história desse hospital centenário, e o artista plástico Hermano José, pintou-o em

um dos seus belos quadros. A respeito dessa pintura, o respeitável crítico de arte Eudes Rocha escreveu um artigo para a *Revista da Academia Paraibana de Medicina*, realçando:

*Dono de um rico conhecimento de pintura, desenho e gravura, muitas vezes laureado no Brasil e exterior, Hermano José já nos anos de 1954, vale-se de um estilo pouco usado na época e ilustra a sede desse tradicional nosocômio com pinceladas ao gosto impressionista. Este estilo, no tempo em que surgiu, diluía os contornos e não primava pela precisão dos traços para produzir as imagens, mas sim, usava de meras sugestões da figura ou da forma desejada como o próprio nome diz – mostrava impressões do artista acerca de determinada paisagem ou figura. Esse gosto impressionista não seria de estranhar num pintor que nunca escondeu sua admiração por Monet.*

Dentre as enfermarias do velho hospital, vamos nos deter na enfermaria Sant’Ana, da disciplina de segunda clínica médica, tendo

[Retorna ao Sumário](#)

o Professor Antônio Dias dos Santos, mais tarde diretor da faculdade, como seu responsável. Era a mais bem estruturada, por possuir ao seu lado uma sala para aulas expositivas, uma pequena biblioteca e um laboratório próprio de análises clínicas. Uma das suas atividades mais diferenciadas consistia na realização das sessões anátomo-clínicas, coordenadas pelos docentes da disciplina a partir de um material completo fornecido pelo *Massachusetts General Hospital* do qual constavam casos clínicos bem documentados, abordando discussão e hipóteses clínicas levantadas, resultados dos exames complementares, *slides* com imagens radiológicas e lâminas dos histopatológicos. Vivia-se a sensação de um hospital universitário na sua plenitude.

O Professor Silvino Chaves, reumatologista e assistente da segunda clínica, ofereceria grande colaboração à Sociedade Brasileira de Reumatologia e escreveria o capítulo *Condromastose Sinovial*, no Livro *Reumatologia Clínica*, de Achiles Cruz Filho, da Editora Guanabara Koogan.

Os pacientes portadores de patologia digestiva de natureza cirúrgica eram encaminhados para a primeira clínica cirúrgica, coordenada pelo Professor Augusto de Almeida Filho, exímio cirurgião do aparelho digestivo. Fez sua graduação em Recife, seguindo para o Rio de Janeiro, onde permaneceu por dois anos acompanhando o Professor Fernando Paulino, um nome nacional no campo da cirurgia digestiva. Posteriormente, complementaria seus estudos na Universidade de *Cornell*. Conquistou a livre docência com o trabalho *Hepático e Colédoco Jejunostomia*. Viajava muito, incluindo destinos pouco usuais à época, como o *Alaska* e as Ilhas Galápagos. Coleccionava objetos de arte sacra - imagens e oratórios. Nas horas de lazer, tocava acordeom, escaleta e piano.

O Professor Ernani de Sá Leite também integrava a primeira clínica cirúrgica. Obteve sua sólida formação em cirurgia no Hospital dos Servidores, no Rio de Janeiro. Era ouvinte de música clássica e por algum tempo se voltou para a fotografia. Como fonte de divertimento, costumava desmontar e novamente

montar motores, uma revelação do seu raciocínio lógico e da sua vertente lúdica como que relacionada aos brinquedos de encaixe, tão apreciados pela criança de hoje.

No âmbito da medicina interna, é um dever recordar e homenagear um dos seus ícones, o Professor Hugo Montenegro Abath, Professor da Terapêutica Clínica, disciplina regida pelo Professor Eugênio de Carvalho. O Professor Hugo era assinante do *New England Journal of Medicine* e da *La Presse Médicale*. Na sua pós-graduação, passou pelo Hospital Universitário de Recife, Salvador e o Hospital das Clínicas de São Paulo, culminando com a ida para o *Guys Hospital* em Londres, onde passaria 2 anos se especializando em medicina nuclear.

Precedendo a viagem à Europa, estudou matemática intensamente. Detinha um conhecimento enciclopédico na área da medicina, além de vasta cultura geral. Estava sempre lendo. Ao magistério dedicou-se exemplarmente, e aos alunos, de uma maneira quase paternal na hora de transmitir o seu saber. Pertenciam ainda à disciplina, os Professores José Eymard de Medeiros e Joaquim

Paiva Martins. O inquieto Professor José Eymard de Medeiros, igualmente muito comprometido com a função do ensino, ocuparia mais adiante a coordenação do curso de medicina, a secretaria de saúde de João Pessoa e a direção da Academia Paraibana de Medicina. Dos seus livros escritos, o mais lido é *História da Medicina em Terras Tabajaras*. Por seu turno, o Professor Joaquim Paiva Martins, pioneiro da nefrologia em nosso meio, além de participar da Academia Paraibana de Medicina, escreveria o livro *O Cotidiano da Vida*.

A enfermaria Santa Rosa, pertencente à segunda clínica cirúrgica, também se distinguia por sua organização. Internamente, até certa altura, tinha suas paredes revestidas de azulejo róseo e havia uma pequena sala de cirurgia anexa à enfermaria. À frente da disciplina estava o Professor Francisco Porto, essencialmente um humanista. Sabíamos do seu empenho e dedicação durante a criação e implantação da Faculdade de Medicina. Demonstrava timidez ao apresentar-se e possuía uma miopia avançada, interrompendo antecipadamente a carreira de cirurgião, sem ter tido a

oportunidade de usufruir dos avanços que viriam com a moderna oftalmologia. Como docente, tinha uma obsessão – transmitir e fazer com que o estudante aprendesse e se entusiasmasse com a clínica propedêutica cirúrgica. Inapagável esta sua faceta.

A neurocirurgia também escreveu um capítulo edificante, o Professor José Alberto Gonçalves da Silva, no papel de conducente. Ao terminar o curso de graduação em João Pessoa, seguiu para Recife onde permaneceu por pouco tempo no serviço do Professor Manoel Escobar Caetano. Concluiu sua residência em neurocirurgia no Hospital das Clínicas da USP, sob a orientação do Professor Spina-França Netto. A etapa seguinte foi frequentar o serviço do Professor *Kurt Schürmann*, em *Mainz*, na Alemanha Ocidental. Posteriormente, com dedicação, muito estudo e tenacidade conquistaria a vaga de primeiro assistente. Na Alemanha, recebeu o título de especialista pela Sociedade Alemã de Neurocirurgia.

Antes de retornar à Paraíba, com o apoio do reitor Guilhardo Martins, viabilizou um estágio de treinamento em *Mainz*, para o

neurocirurgião Cláudio Emanuel (seu irmão), dois anestesistas, o Professor Clóvis Beltrão e Dr. João Batista (este, também seu irmão), além de cinco enfermeiras. Estava formada a equipe que, por cerca de quatro décadas, atuaria na capital de estado.

O Professor José Alberto, com livre docência pela UFPB, publicou oitenta e quatro trabalhos científicos, e os livros *Fundamentos de Neurologia e Malformações Occiptocervicais*. No Brasil, tornou-se uma referência na área do tratamento cirúrgico para impressão basilar.

O Hospital Santa Isabel, por mais de duas décadas, prestou assim uma valorosa colaboração ao ensino médico da UFPB. Esse contributo mereceria ser transcrito em uma placa e afixada à sua entrada.

Vale aqui ressaltar que a partir da década de setenta, no país, os hospitais que davam assistência aos portadores de tuberculose tiveram suas atividades descontinuadas, porque o Ministério da Saúde decidiu pelo tratamento ambulatorial. Por mais de um ano, o Hospital Clementino Fraga pertencente ao

governo federal e que estava fechado, funcionou transitoriamente como hospital escola em substituição ao Santa Isabel, precedendo a transferência para o Hospital Universitário Lauro Wanderley da UFPB, em 1980.

## AMBULATÓRIO DESEMBARGADOR NOVAIS

Ao se referir aos esforços dos que lutaram ao seu tempo pelas melhorias do Hospital Santa Isabel, Dr. Oscar de Castro destaca a atuação dos provedores: Dr. Caldas Brandão, Dr. Flávio Maroja e o desembargador José Ferreira de Novais. O nome do ambulatório portanto, cultua a memória do terceiro.

Embora tenha sido edificado pela LBA, pertencia funcionalmente ao hospital da Santa Casa. A construção, térrea e retangular, tem uma fachada harmoniosa marcada por quatro janelões, no meio dos quais, formando um conjunto, fica a porta de acesso ladeada por duas pequenas janelas.

Neste prédio, estavam instalados um gabinete de odontologia e os ambulatórios das disciplinas de urologia, dermatologia, otorrinolaringologia e técnica operatória.

Logo ao entrar, encontravam-se a recepção e a sala de espera com mobília simples e adornos inexistentes. Nesse ambiente de tanto despojamento, o fascínio estava reservado para o crucifixo, confeccionado em madeira, com cerca de sessenta centímetros, preso à parede, por trás e acima do balcão da recepcionista.

Uma peça de inegável qualidade artística, muito provavelmente de origem portuguesa, e que pertencia ao acervo da irmandade. O artista esculpiu um Cristo emagrecido, com costelas esboçadas, face lívida, o corpo pendente da cruz e os olhos semicerrados. O sangue, em sua cor natural, fluindo da cabeça e chagas. A obra artística emprestava um clima de real pesar.

Aquele homem vencido e morto, exercia, no entanto, um grande poder mobilizador de esperança naqueles que carregando sua própria cruz, ali estavam aguardando a sua vez.

Com o olhar fixo no crucificado, indistigíveis eram os lábios balbuciantes de alguns poucos, fazendo suas preces, pedidos e

promessas. Apelavam para a cura dos seus incômodos, reunindo todos os recursos possíveis – a medicina popular experimentada em seus lares, a ajuda das benzedeadas, a medicina alopática voltada para o conhecimento científico e a fé permeando as diversas possibilidades.

Em cada consultório um negatoscópio, balança, birô, armário e cadeiras, além da mesa de exame clínico, escondida por trás de um biombo. Harmonizavam-se docentes, pacientes, funcionários e estudantes tendo como meta a docência e a assistência médica.

Na urologia, o atendimento voltava-se para as doenças da bexiga, próstata e renais - litíase urinária, neoplasias, infecções, incluindo doenças sexualmente transmissíveis, estas também atendidas no ambulatório de dermatologia. Três situações eram particularmente muito embaraçosas para os pacientes, o toque prostático, a abordagem das dificuldades relativas ao desempenho sexual e as sessões de dilatação das estenoses de uretra através do *Benequê*, um instrumento metálico introduzido pela uretra com o auxílio de uma

pomada anestésica que não abolia de todo, a intensa dor resultante do procedimento. Certamente nos dias de hoje, abordar assuntos tão delicados na presença de várias pessoas não seria a maneira mais acertada.

O Professor Domilson Maul, coordenador da disciplina, passara por Barcelona aperfeiçoando sua formação. Tinha o hábito de ouvir música clássica e gostava de ler sobre enologia. Também estivera em Barcelona e Londres, o Professor Jacinto Londres Gonçalves de Medeiros dando continuidade a seus estudos. À Sociedade Brasileira de Urologia emprestou grande contribuição.

O Professor Ozório Abath Filho, com residência no Hospital dos Servidores do Rio de Janeiro, dedicaria exemplarmente grande parte da sua vida profissional à oncologia urológica no Hospital Napoleão Laureano. O Professor Antônio Ciraulo Barroso fez sua residência na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Entre suas iniciativas, dotaria a cidade de Bayeux de um hospital geral. Os quatro teriam muito êxito na clínica privada.

No ambulatório de dermatologia, o maior ensinamento consistia em saber identificar as diversas lesões da pele e mucosas, interpretando-as, como se fossem vocábulos de um enigmático dialeto, representado pela patologia. As doenças se expressam através dessas lesões, únicas ou múltiplas, caracterizando o quadro clínico específico. Outra instigação, alertava o Professor Alberto Cartaxo, titular da cadeira, é não esquecer que lesões do tegumento e mucosas, muitas vezes traduzem distúrbios psicossomáticos ou doenças internas, constituindo-se por exemplo, em desafios diagnósticos para as doenças autoimunes. O Professor João de Brito Moura muito se identificava com o estudo das micoses. Sempre se sentiu particularmente atraído pela história da medicina. É da sua lavra, o livro *Meio Século de Medicina*, com forte apelo autobiográfico.

Na otorrinolaringologia, as situações mais frequentes eram infecções, pólipos, alergias, dores de ouvido e garganta, rouquidão, déficit de audição e labirintoses. O Professor Isaías Silva, titular da disciplina, e seus assistentes conferiam ao ambulatório um local de ação com resolubilidade para as situações

[Retorna ao Sumário](#)

mais comuns. Os casos cirúrgicos eram encaminhados para o Hospital Santa Isabel.

O Ambulatório de Técnica Operatória, sob a coordenação do Professor Herul Sá, oferecia a chance para a realização de pequenos atos operatórios, como drenagem de abscessos, suturas, extração de unhas encravadas, feitura de curativos, retirada de pontos e outros procedimentos semelhantes. Por essa razão, exercia tanto fascínio nos estudantes, ávidos por frequentá-lo. O Professor Herul Sá fez parte da segunda turma de residentes do Professor Ivo Pitanguy.

Aos pacientes, os estudantes supervisionados ofereciam o que lhes estava à altura. Aos estudantes, os pacientes lhes ofertavam o momento do aprendizado e conhecimento. Tudo sob a coordenação e responsabilidade dos docentes.

Nos quatro ambulatórios, a mutualidade e gratidão, redundando em ganhos e benefícios; de um lado, a clientela assistida, e do outro, a estudantada com desejo de aprender. Na prática, o ensino e a extensão, dois dos papéis da universidade.

## LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

O Ambulatório Desembargador Novais distava poucos metros de um outro prédio, térreo e de pequenas dimensões, no qual se localizava o Laboratório de Análises Clínicas, um prolongamento da terceira clínica médica, com ênfase em hematologia e endocrinologia. O Professor Gilson Espínola Guedes era o responsável pelo laboratório.

A grande maioria dos exames complementares dos pacientes do Hospital Santa Isabel e ambulatórios era realizada neste laboratório. Pouco tempo decorria entre a solicitação dos exames e a entrega dos resultados, devido à costumeira dedicação dos docentes e técnicos, à desburocratização, à demanda ajustada à capacidade de realização e naturalmente à proximidade física, já que o hospital, ambu-

[Retorna ao Sumário](#)

latórios e laboratório eram muito próximos. Estamos falando da década de sessenta quando não se contava com a informatização, sendo os exames executados manualmente.

O Professor Gilson Guedes, um reconhecido hematologista, tinha uma estatura mediana e uma compleição física do tipo atlético. Em seu rosto sanguíneo, um sorriso peculiar a marcar sua amabilidade. Morava no bairro do Cabo Branco e com o mar, mantinha uma relação de muita intimidade Mergulhar era um dos seus *hobbies*.

Já havíamos deixado a faculdade, mas não há como omitir algumas passagens ilustrativas da sua caminhada como um médico humanista e consciente da importância do meio ambiente.

À época da faculdade, eram frequentes os casos de calazar que chegavam ao Pavilhão Guedes Pereira provenientes da região do sertão do estado onde a doença tinha alta incidência. A confirmação diagnóstica ficava a cargo do Professor Gilson Guedes, através do exame clínico e do mielograma invariavelmente feitos por ele.

A certa altura, o Professor Gilson Guedes teve a oportunidade de diagnosticar casos da doença em pessoas moradoras da praia da Penha, em João Pessoa. Identificou também no litoral paraibano, cachorros portadores de leishmaniose. Iniciou então seu trabalho de pesquisa epidemiológica, colhendo informações através da anamnese cuidadosa dos litorrâneos acometidos pela doença, inteirando-se dos seus hábitos e costumes, além de certificar-se que estas pessoas, em nenhum momento, viajaram à região do sertão.

Com o prosseguir da investigação, chegou à conclusão final: sertanejos vieram a João Pessoa para assistir a festa da Penha, demorando-se alguns dias em casas de parentes e alguns trouxeram seus cães, como ficou averiguado. O aspecto aparentemente sadio do animal, não exclui sua contaminação. O flebotomo aqui residente se encarregou de fechar o ciclo. A descoberta foi comunicada durante o XVI Congresso Brasileiro de Medicina Tropical, ocorrido em Natal, no ano de 1980.

Outra das suas particularidades: sabe-se, uma das singularidades da cidade de João

Pessoa é dispor de um cabo, o Cabo Branco, dentro do seu perímetro urbano. Vários aspectos têm preocupado os ambientalistas no que concerne à sua preservação, como por exemplo, o avanço do mar comprometendo a ponta do cabo, chamada Seixas, deixando as falésias parcialmente desnudas pela perda da vegetação nativa que as reveste, fenômeno agravado pela ação deletéria de alguns moradores e a omissão dos poderes constituídos. O Professor Gilson Guedes, com recursos próprios e com a colaboração de alguns amigos, fez construir uma cerca de pau a pique e arame farpado, resguardando a ponta do Cabo Branco e dificultando a invasão de pessoas que recolhiam lenha a partir da derrubada de arbustos e árvores presentes na cobertura vegetal do cabo, até que as autoridades tomassem medidas mais efetivas de proteção, à luz dos recursos técnicos disponíveis.

Ainda em relação ao Cabo Branco, hospedou em sua casa, por diversas vezes, o paisagista Burle Max, amigo fraterno do seu irmão, Hermano José. Burle Max concebeu o projeto Parque Cabo Branco, previsto para o

[Retorna ao Sumário](#)

Altiplano. Lamentavelmente nunca saiu do papel. Perdeu a cidade este equipamento comunitário que teria acrescentado grande diferenciação, em termos de qualidade de vida, aos que aqui vivem. Não o quiseram, entretanto, nossos dirigentes de então.

Outra das suas facetas a ser lembrada, a mais dignificante, refere-se ao projeto por ele criado, e que recebeu inicialmente a denominação de *Núcleo de Apoio à Criança com Câncer do Estado da Paraíba*. Atualmente após o falecimento de Dr. Gilson Guedes, passou a chamar-se *Casa da Criança Dr. Gilson Guedes*, mantendo todos os propósitos iniciais.

Como nasceu o projeto? O Professor Gilson Guedes atuava no hospital oncológico Napoleão Laureano como hematologista. Dava assistência médica às crianças portadoras de câncer (leucemias e linfomas).

As que provinham do interior do estado acompanhadas de suas mães, precisavam passar dias e meses em João Pessoa para tratamento ambulatorial, quimioterápico e radioterápico e não tinham onde se hospedar. Sensibilizado com tanto sofrimento, a casa na qual

morou passou a ser o abrigo para essas desafortunadas crianças, acompanhadas das suas mães. Para o êxito do projeto, formou uma equipe de colaboradores voluntários, enfermeiras, recreadoras, psicólogas, pedagogas. A administração da casa foi entregue à diligente irmã Célia Silva, missionária carmelita.

Logo, a casa se tornou pequena e inadequada, mas como acontece com as pessoas que depositam uma fé inalterável em suas convicções e sonhos, serviu o obstáculo de estímulo para buscar a superação.

Reuniu forças, sabe Deus onde, e adquiriu dois imóveis contíguos, à Rua Odon Bezerra, e com um belo e específico projeto, elaborado pelo filho Gilberto Guedes, um arquiteto de escol, surgiu o novo Lar da Criança, com espaços amplos, ventilados, luminosos e bonitos, contando com refeitório, dormitórios, brinquedoteca, biblioteca e demais ambientes apropriados. Pinturas de artistas locais decoraram o ambiente. As mães das crianças se encarregam de várias das funções pertinentes a um lar, revezam-se nessas tarefas. A essas mães é oferecida a oportunidade de aprender

um ofício manual de ordem prática ou a chance de alfabetização quando é o caso.

Nessa habitação coletiva, inumeráveis são os exemplos de solidariedade, despreendimento e grandeza humana vindos dos seus ocupantes temporários a ponto de despertar alguma crença na viabilidade do ser humano.

Na Faculdade, em suas aulas, muitos foram os conhecimentos transmitidos pelo Professor Gilson Guedes, não sabíamos, no entanto, que sua ação e comportamento voltados para os outros e o meio ambiente seriam o seu maior e inesquecível legado.

## PAVILHÃO GUEDES PEREIRA

O Hospital de Doenças Infectocontagiosas, anexo ao antigo Hospital Clementino Fraga, no Complexo da Alberto de Brito, em Jaguaribe, ocupava uma construção de formato retangular, simples, térrea, de pouca altura e telhado de duas águas. Nas laterais havia janelas correspondendo às enfermarias. Mais conhecido como Pavilhão Guedes Pereira, seu nome era um tributo ao pediatra Dr. Guedes Pereira que em 1912, havia criado o *Instituto de Proteção e Assistência à Infância* e foi um dos mais operosos prefeitos da cidade de João Pessoa.

Quando do seu surgimento, as doenças infectocontagiosas e parasitárias eram muito mais prevalentes do que hoje, o Ministério da Saúde não oferecia uma programação de vacinação bem estruturada e muitas das vacinas atualmente disponíveis não tinham sido ainda descobertas.

[Retorna ao Sumário](#)

Éramos um país mais pobre, a população dividindo-se entre o campo e as cidades, com uma taxa de analfabetismo bem mais elevada e uma situação hidrossanitária mais precária do que na contemporaneidade. Por sua vez, a desigualdade socioeconômica mostrava-se menos brutal e os valores ético-morais e religiosos mantidos pela tradição eram assimilados e seguidos pela população, culminando com índices desprezíveis de violência urbana.

Este modesto hospital, o único especializado em infectologia no estado, atendia durante vinte e quatro horas, adultos, portadores de infecções, mães intranquilas conduzindo suas crianças febris e pessoas acometidas por picadas de animais peçonhentos, todos sem planos de saúde, abandonados à própria sorte, lembrando que o SUS ainda estava por ser criado.

Uma freira alemã, a irmã Teofrida, ao hospital se dedicava em tempo integral e na prática, atuava como administradora, além de aos pacientes e seus familiares, oferecer amparo e aconselhamento. Poucos metros

separavam o hospital da clausura, na qual morava com outras religiosas.

Para os estudantes, o Guedes Pereira significava um campo fértil para a investigação das doenças infecciosas mais incidentes, familiarização com a prescrição de antibióticos e soros específicos, acompanhamento de punções medulares, indicadas para o diagnóstico e tratamento imediato das meningites e encefalites, auxílio das traqueostomias realizadas em uma singela sala de cirurgia e que salvaram a vida de um sem número de crianças sofrendo de insuficiência respiratória aguda, secundária à temível difteria.

*Francisco Goya*, um dos maiores pintores espanhóis, portador de uma surdez como sequela, após ter sofrido uma provável doença infecciosa que o deixou também por algum tempo com a visão e a locomoção seriamente comprometidas, registrou em algumas das suas telas a dimensão do sofrimento humano, não poucas vezes imposto pelo próprio homem aos seus semelhantes. O conflito franco-espanhol e suas atrocidades causaram-lhe profundas tristeza e decepções. O filme

*Sombras de Goya* aborda com realismo esse episódio.

Em 1812, *Goya* no quadro intitulado *Difteria*, nome dado pelo médico espanhol *Maranon*, ilustra um homem de aspecto grosseiro, sentado, mantendo uma criança de pé, imobilizada entre suas pernas, com os dedos indicador e médio da mão direita introduzidos na boca da criança, pressionando-lhe a língua para baixo. Na composição, a nuca da criança está também firmemente segura pela mão esquerda do suposto médico, vendo-se uma lâmpada acesa para lembrar a cauterização, recurso usado à época para o tratamento da difteria.

*Franz Kafka*, no seu conto *Um Médico Rural*, fala-nos também de um médico que precisa lidar com as limitações e pobreza do meio em que trabalha. Embora dentro de um contexto clínico e psicológico distinto do enfrentado pelo médico de *Goya*, mas nas duas situações, a arte enaltece a medicina.

Há uma outra inferência admitindo que o homem retratado por *Goya*, seria o professor dessa criança cega, chamada *Lazarillo*.

Seja como for, a pintura faz alusão a danosas e tormentosas situações impostas à humanidade ao longo dos séculos, por doenças e epidemias com o sacrifício de milhões de vidas pela inexistência de antibióticos e vacinas no passado, ou falta de acesso aos mesmos no presente.

O Professor Ephigênio Barbosa, chefe da disciplina de infectologia, exercia também a direção do Pavilhão Guedes Pereira, de maneira que disciplina e hospital formavam uma unicidade.

Os primeiros auxiliares do Professor Ephigênio Barbosa foram Dr. Marco Aurélio Barros e Dr. João Batista Mororó.

No campo didático, ficou o exemplo do Professor Marco Aurélio Barros, com especialização nos Estados Unidos e México após concluir seu curso de graduação em Salvador. Diariamente passava a visita, e à beira do leito discutia com os estudantes o diagnóstico, resultado de exames, evolução clínica, e conduta terapêutica. Invariavelmente, conduzia um exemplar do *New England Journal of Medicine*.

Costumava resumir e comentar artigos de maior relevância para o alunado.

No que diz respeito ao Professor Mororó, sua contribuição maior residiu na transmissão da sua capacidade de ouvir e compreender o doente, e suas circunstâncias, a decantada relação médico-paciente na qual se mostrava um mestre.

Com a inauguração do Hospital Universitário, o Pavilhão Guedes Pereira foi desativado, e em seu lugar, inaugurou-se no quarto andar, o Serviço de Infectologia. Mais adiante seria implantada a residência em infectologia.

## AMBULATÓRIO DE CLÍNICAS

O Ambulatório de Clínicas vem da segunda metade da década de sessenta, passando a ser outro componente do Complexo da Alberto de Brito. Uma construção térrea, moderna, espaçosa, dotada de muitas janelas envidraçadas, tendo como elemento dominante sua retangularidade.

Houve um hiato de tempo compreendido entre o término da obra física e o início das suas atividades, período em que permaneceu de portas fechadas por falta de recursos para mobiliá-la e equipá-la.

Nesse ínterim, recebeu o prédio por parte dos acadêmicos, o apelido de *O Belo Antônio*, numa equiparação direta com o filme do mesmo nome, de 1960, dirigido por *Mauro Bolognini* e aqui exibido numa sessão do cinema de arte. No enredo, *Magnano*, magistralmente vivenciado por *Marcelo Mastroianni*, é um homem bonito e charmoso que encantava as

mulheres à sua volta, desejosas de tê-lo como marido ou amante. Acontece que *Magnano*, ao se casar com a irresistível *Bárbara*, interpretada por *Cláudia Cardinale*, revelou-se sexualmente incapaz, uma situação inassimilável para sua mãe, uma matriarca autêntica e siciliana, disposta a defender o filho querido em qualquer que fosse a situação. A mensagem era bem clara, ambos, *O Belo Antônio* e o Ambulatório de Clínicas eram bonitos, mas não *funcionavam*. Havia, portanto, legitimidade na procedência da alcunha imposta.

Por fim, o impasse foi superado e no novo prédio, em suas dependências bem distribuídas, instalaram-se o gabinete do diretor da Faculdade, ambulatórios das disciplinas de clínica médica, salas de espera, um laboratório de análises clínicas, o fisiógrafo da disciplina de fisiologia e um atraente auditório climatizado, com declive, cadeiras acolchoadas da cor azul e outros detalhes que, aos nossos olhos, imprimiam um ambiente de conforto e refinamento.

A prática ambulatorial sob supervisão representa um passo essencial na evolução da

formação médica. E o Ambulatório de Clínicas ensinava a concretização dessas atividades assistenciais ao alcance dos alunos, nas diversas disciplinas da clínica médica, com chance de se aprender a realizar consultas médicas, levantar hipóteses diagnósticas, solicitar exames complementares e elaborar prescrições medicamentosas. Um ganho definitivo para o futuro exercício profissional, isso porque a consulta médica simboliza o momento mais significativo do ato médico.

No auditório, ocorriam as aulas teóricas de algumas cadeiras do ciclo básico, além de cursos de extensão, conferências, jornadas anuais de clínica médica com a participação de professores universitários convidados, especialmente da USP e da UFBA. Dava acolhimento ainda e periodicamente, aos professores visitantes de faculdades médicas americanas, trazidos através do intercâmbio mantido pela universidade com *Connecticut*, o estado irmão da Paraíba, através do programa *Companheiros da América*. O Professor Vitório Petrucci, da disciplina de cardiologia, por exemplo, foi

um dos que esteve, por alguns meses, em *Connecticut* para estágio na especialidade.

Ao longo do curso, nas salas de aula, laboratórios, enfermarias, ambulatórios e bloco cirúrgico, observávamos o desempenho dos nossos professores, uma outra forma de assimilação de conhecimento. Permanece na nossa memória emocional a maneira como agiam, com os inevitáveis destaques, enquanto se desincumbiam da sua atividade docente e assistencial.

No geral, transpareciam identificação com a função assumida, tinham a postura balizada pela ética, compreendiam a importância da cultura geral e possuíam a formação técnico-científica compatível com a vigente, à época.

## DIRETÓRIO ACADÊMICO NAPOLEÃO LAUREANO

O Diretório Acadêmico Napoleão Laureano se localizava por trás do Ambulatório de Clínicas. O nome foi escolhido para celebrar a memória do grande médico brasileiro, que ao saber ser portador de um osteosarcoma da mandíbula e frustradas todas as tentativas terapêuticas no Brasil e Estados Unidos, tomou uma decisão: na condição de muito doente e de condenado a um fim próximo, divulgar pelo país a necessidade inadiável de se criar uma conscientização em favor da assistência oncológica, com a criação de serviços médicos especializados nas principais cidades brasileiras, destinados aos vitimados pelo câncer.

A campanha causou comoção nacional com adesão imediata da população, empresas, bancos, instituições outras e autoridades, incluindo o presidente da república, Getúlio

[Retorna ao Sumário](#)

Vargas. O apoio dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, abrindo espaço na mídia nacional, foi decisivo. Esse capítulo singular e dramático com desdobramentos práticos positivos para uma nova política de atendimento oncológico em nosso país, precisaria ser transformado em filme e livro, para inventariar essa atitude incendiada pela qual passou a medicina brasileira, servindo como lição de altruísmo, desprendimento e compromisso cívico para as novas gerações.

O prédio do diretório era constituído por dois pequenos módulos conjugados, interligados no seu interior, exibindo um telhado de quatro águas. A fachada frontal apresentava-se com uma janela e uma porta um tanto larga, alcançada por três ou quatro degraus. No primeiro espaço havia um conjunto de sofás, cadeiras, uma estante com livros, jogos de tabuleiro, um quadro de avisos e uma radiola com discos de vinil. A música romântica e a MPB eram as preferidas, com um destaque à parte, para Agnaldo Timóteo. O segundo ambiente, destinado à prática de tênis de mesa,

sendo eventualmente usado para encontros festivos.

O diretório era muito frequentado por ser o local ajustado ao conagraçamento, atividades lúdicas e reuniões em que surgiam as discussões objetivando a melhoria do curso, elaboração de reivindicações dirigidas à diretoria e reitoria e principalmente para o exercício da política universitária. Lá, nasciam amizades que se estreitavam, ganhando permanência para toda a vida. Namoros aconteciam, e em alguns casos, chegando ao matrimônio.

Cada curso superior possuía seu próprio diretório, enquanto o DCE – Diretório Central dos Estudantes congregava o conjunto dos diretórios. A política estudantil nascida nos grêmios dos colégios continuava nos diretórios, com nítido viés de esquerda, um traço característico da época, fazendo oposição ao sistema militar vigente.

Da política universitária, muitos migraram para a política partidária nacional, servindo como exemplos mais emblemáticos, Eduardo Jorge oriundo do curso de medicina que exerceria mais tarde o cargo de secretário

de saúde da cidade de São Paulo, deputado federal e se candidataria à presidência da república. Da mesma forma, Luíza Erundina, integrante do curso de serviço social, tornar-se-ia prefeita de São Paulo, ministra e deputada federal.

Também merece ser aqui lembrado o Cassino da Lagoa, um prédio de um só piso, de estilo arquitetônico moderno, com frente e laterais abertas, oferecendo uma visão panorâmica da Lagoa, circundada de palmeiras imperiais, em meio ao Parque Sólon de Lucena, concepção das mais encantadoras. Durante a semana era restaurante universitário, e aos sábados, local para bailes ao som da Música Popular Brasileira, *Beatles* e outros ritmos. Em ocasiões, servia de palco para efervescentes debates políticos, com a participação ativa de integrantes dos diversos cursos universitários, muitas vezes coibidos pela polícia estadual com o apoio do exército, dando origem a perseguições, pancadarias e prisões.

Já foi dito que a década de sessenta foi a mais fecunda do século XX. E o nosso ingresso na universidade ocorreu em 1966, na

plena movimentação das grandes transformações. No plano internacional testemunháramos a guerra do Vietnã, o movimento estudantil a partir de Paris, uma ampla divulgação dos direitos civis, femininos e ambientais, os primeiros voos espaciais, a afirmação da contracultura e o surgimento de ícones musicais como *Bob Dylan*, *The Beatles* e *Rolling Stones* que sabiam tocar e cantar nossos sentimentos. Foi o tempo também do grande momento da cultura brasileira nas mais variadas áreas.

A partir desse decênio, o pensamento, conceitos e a maneira de ser e agir deram uma guinada na busca de novos paradigmas. O mundo não mais seria o mesmo.

## INSTITUTO DE PUERICULTURA E PEDIATRIA

O Instituto de Puericultura e Pediatria, também inserido no Complexo da Alberto de Brito, havia sido construído com recursos advindos do Instituto Nacional da Criança, graças à intervenção do dinâmico Professor João Toscano Gonçalves de Medeiros, catedrático da disciplina de pediatria. Fez seu curso de medicina, em Salvador. Posteriormente em sua trajetória profissional, representou o Brasil durante alguns meses, em um grupo de estudo, do *Centre Internationale de L'Enfance*, em Paris. A ocasião foi propícia para estreitar laços de amizade com os doutos *Robert Debré* e *Nathalie Masse*, dois dos mais respeitados pediatras europeus do século XX.

No universo da pediatria, o Professor *Debré* ficou definitivamente inscrito através da Síndrome *Debré-Fanconi*. *Madame Nathalie*

*Masse* ofereceu particular contribuição no âmbito da pediatria social.

Linhas modernas definiam o prédio do Instituto de Pediatria e Puericultura. Em sua fachada frontal, evidenciada pela linearidade, o pormenor ficava para as janelas e porta de acesso, esta, protegida por uma marquise estilizada, sustentada por dois pilares com o formato da letra V.

Dentro, logo à entrada, a recepção e a bem dimensionada sala de espera acolhiam a clientela. Na extremidade esquerda, o gabinete do professor e, no lado oposto, ao final, um auditório aconchegante, climatizado, dotado de um pequeno declive e equipado com cadeiras confortáveis, local para as aulas teóricas, conferências e eventos do gênero.

Em conexão com a sala de espera, ficavam os consultórios, sanitários, fraldário e outras dependências reservadas aos setores que compunham a estruturação administrativa.

Também insistindo junto à Nestlé, continuaria o ilustre professor, a aquisição da mobília e demais itens imprescindíveis ao seu

funcionamento, imaginado desde o início para ser um ambulatório integrado de pediatria.

Pela abrangência dos benefícios, é difícil dimensionar o quão importante foi esta instituição para as crianças das famílias carentes da capital e cidades vizinhas, na esfera da assistência médica e social.

Outro ponto a se valorizar, foram os ganhos relacionados com as atividades específicas da docência universitária.

O Professor João Medeiros era daqueles que acreditavam nos sonhos possíveis, quando a uma boa ideia voltada para o coletivo, associam-se empenho, estratégia e tenacidade.

Num crescente e já ao surgir, o ambulatório se impôs. As mães vendo de perto os benefícios auferidos por seus filhos, numa atitude espontânea, sedimentaram e propagaram o excelente conceito alcançado pelo ambulatório. Por sua vez, os acadêmicos com admiração e motivados, sentiam estar frequentando um verdadeiro serviço universitário, tendo à frente o Professor João Medeiros

liderando seus assistentes e a equipe multidisciplinar.

A Professora Anleida de Almeida Roque, também da disciplina, desenharia sua trajetória com muitas iniciativas. Fez residência no Instituto Fernandes Figueira, no Rio de Janeiro, escreveu um capítulo no livro de pediatria do Professor César Pernetta, foi professora titular, alcançou a livre docência da UFPB com a tese *Exsanguineotransusão na Sepse*, e em João Pessoa, fundou o Hospital Infantil AMIP (Assistência Médico-infantil da Paraíba). Neste hospital, em parceria com a UFPB, criou a primeira Residência Médica de Pediatria, na Paraíba. O Professor Paulo Soares, um dos professores auxiliares, carinhosamente tratado por Paulinho pelos alunos, escreveria mais tarde o livro *Nos Tempos do Pedro Américo*, alusivo a um bar muito frequentado por boêmios e universitários.

Além das consultas oferecidas, havia o setor de puericultura, Ambulatório de Ortopedia e o serviço social. A neonatologia, a cargo do afável Professor Herbert de Miranda Henriques, tinha lugar na maternidade Cândida

Vargas, contando com a valiosa colaboração da Dra. Cristina Maria Batista Abath, igualmente muito amável e solícita com os estudantes. Fez residência médica no Hospital dos Servidores, no Rio de Janeiro. Por um período foi docente, terminou optando pelo INAMPS e LBA onde, na condição de pediatra, nunca deixou de oferecer orientação aos estagiários.

Às crianças, eram disponibilizados leite em pó, suplementos alimentares e vacinas.

Vale salientar que a ortopedia, no seu nascimento, esteve ligada ao desenvolvimento da criança, até porque o médico francês *Nicolas Andy de Boisregard*, considerado o pai da ortopedia, publicou em 1741, o livro *L'Orthopedie ou L'art de prevenir et de corriger dans les enfants, les deformités du corps*. Neste trabalho, dirigido às mães com filhos portadores de problemas ortopédicos, encontra-se o desenho de um arbusto com o caule tortuoso ainda em crescimento, lembrando uma escoliose, e que se encontra fixado a uma estaca que lhe serve de suporte. Esta figura graciosa virou o símbolo da ortopedia, e passou a se chamar *Árvore de Andy*.

Ao contrário de outros centros universitários europeus, que vinculavam a ortopedia à cirurgia, a França associava a ortopedia à pediatria. O Professor João Medeiros ao manter um ambulatório de ortopedia atrelado à disciplina de pediatria, estava seguramente respeitando a tradição francesa.

O Professor Orlando Farias, grande leitor, não o víamos sem que conduzindo um livro, era o chefe da ortopedia. O Professor Antônio Nunes, um dos seus assistentes, durante catorze meses se especializaria em patologias da coluna vertebral, sob a orientação do Professor *Óscar Scaglietti*, na Itália. Escreveria o livro *Médicos que Fizeram Histórias*, e tinha como *hobby* trabalhar com madeira, dispondo de uma pequena oficina no quintal da sua casa. Na sede da Academia Paraibana de Medicina, há uma peça de madeira, pacientemente esculpida por ele, na qual consta o juramento médico, em grego. Outra das suas preferências, era estudar línguas estrangeiras, entre elas, romeno e russo.

Ainda sobre o Professor João Medeiros: na gaveta do seu birô, eram encontrados

exemplares do *Le Monde*, uma das suas leituras habituais.

Só depois, bem depois, tomamos conhecimento de um outro ângulo do austero mestre - sua admiração pela pintura *O Doutor*, de *Samuel Luke Fields*, de 1891, que se encontra exposta na *Galeria Tate*, em Londres. No seu consultório, havia uma reprodução desse quadro.

Nessa pintura, vê-se um médico sentado contemplando uma criança enferma, já sem chance de cura. Tem a mão esquerda sob seu queixo, numa atitude de desapontamento e reflexão. O pintor concentrou a luz no corpo da criança e no rosto do médico, para expressar mais dramaticidade. Na obscuridade do quarto, onde acontece a cena, é possível divisar a figura de um personagem masculino, o próprio *Fields*, o pai da criança. Sim, o fato foi real e o artista plástico nesse trabalho quis cultuar o médico que deu assistência ao seu filho.

Muitos foram os estudantes de medicina, nas sucessivas turmas, que optaram por seguir pediatria, influenciados pelo que

presenciaram e aprenderam naquele serviço universitário exemplar.

É assim que os imóveis ganham significados e importância, cabendo aos que vêm depois reconhecê-lo, e preservá-los. Em última instância, um apelo ao apreço e respeito à memória histórica.

## CAPELA E CLAUSURA

Nas proximidades do Instituto de Puericultura e Pediatria, no complexo da Alberto de Brito, situa-se a capela da faculdade, consagrada à Nossa Senhora de Fátima, destinada ao acolhimento e conforto espiritual daqueles que a procuravam.

Bem ao seu lado, em um prédio de boa volumetria, lembrando um cubo, com térreo e primeiro andar, ficava a clausura onde moravam as irmãs da Ordem Franciscana Secular. Cuidavam dos ofícios religiosos, e aos enfermos do Hospital Guedes Pereira e do Hospital Clementino Fraga em sua primeira versão, ofereciam diuturnamente assistência, apoio e orientação.

Contribuindo para um clima de maior receptividade, havia ainda a imagem de Nossa Senhora de Fátima em um pedestal de alvenaria, um pouco à frente e entre a capela e a clausura.

[Retorna ao Sumário](#)

Os jovens acadêmicos, na plenitude da sua saúde e com os verdores que lhes são próprios, mais se inclinavam às certezas do que às dubiedades. Assim acontece aos de pouca idade, e por isso, não atinavam para a essencialidade daquele desprezioso templo.

Visto de cima, o formato da capela lembra o desenho de uma cruz, os braços da cruz correspondendo a duas áreas laterais que se comunicam diretamente com a nave central. Os três espaços ocupados pelos fiéis, asseguravam uma boa visão do altar e seu celebrante. Em conexão com a porta principal, há um pequeno vestíbulo coberto, a um só tempo, abrigo e convite para adentrar o interior.

Harmonizavam-se naquela casa de oração a singeleza da sua concepção arquitetônica com o despojamento reinante no lado de dentro. Móvel, decoração e ícones de tão simples, evocavam o cristianismo nos seus primórdios.

Aos que se faziam presentes, a chance para momentos especiais de reclusão, silêncio e reflexão, alternando com a hora certa cedida

à palavra, cânticos e rituais. A sobriedade em comunhão com a dignidade.

O vinho, a água e a hóstia, pelo muito que simbolizam, traduziam mensagens e emoções, bem como e ao seu tempo, o repicar do sino, o som da campainha e até da prosaica matraca deixada para os ritos da semana santa. No contexto, a importância do altar, sacrário, castiçais, velas, imagens e a luz do santíssimo. A infundir mais simbologia e encantamento à ritualística, era chegada a vez do cálice patena, hostiário, paramentos, missal, naveta e o turíbulo, em movimento pendular, contendo brasas incandescentes gerando fumaça aromática pelo incenso queimado.

Era sob a proteção dessa capela que as pessoas se sentiam amparadas. E entre elas, familiares dos enfermos e alguns destes por ocasião da alta hospitalar. Ali estavam para pedir aos céus, saúde ou implorar a cura dos males que acometiam seus entes queridos. Contritos, retribuía à sua maneira, a graça obtida. Outros, pesarosos, rezavam pela alma dos que não foram atendidos, dos que partiram. No cumprimento desse sacro mister, capelas,

ermidas, igrejas, santuários, e catedrais monumentais estão mundo afora, em pé de igualdade, exercendo o mesmo propósito.

O homem do povo, ao contrário dos detentores do saber, há muito já concluiu: aos humanos cabem as perguntas e muitas das suas respostas, e a Deus, as questões inexplicáveis. E, ao assim proceder, reconcilia-se consigo mesmo e com suas dúvidas atroztes a respeito das contingências do ato de existir. Conformismo na ótica dos inquiridores prepotentes, e acordança possível ao alcance da inteligência, no pensar dos humildes. De certa forma, essa atitude dos simples alia-se ao que disse *Xenófanes: A verdade certa, homem nenhum conheceu, nem conhecerá.*

Somos herdeiros da cultura judaico-cristã, bem como da cultura indígena e africana. Todos os povos, no limite das suas percepções, buscam alento para suas necessidades existenciais.

Na mesma direção, aparceiram-se a medicina alopática e outras formas de atendimento, cingidas às crenças e à medicina popular, perpassadas pela influência cultural, com

o intuito de oferecer aos acometidos pelo infortúnio das doenças, assistência e lenitivo, inspirados na solidariedade e humanismo.

## COLÔNIA JULIANO MOREIRA

Ao longo do tempo e desde os primórdios, a história do tratamento dispensado aos portadores de doenças mentais encerra capítulos tristes e constrangedores.

Embora a loucura seja referida no *Corpus Hipocrático* como resultante de disfunções humorais que acontecem no cérebro, persistiram, no entanto, conceitos distorcidos entre os quais, o que estabelecia uma associação direta entre a insânia e a bruxaria.

Nos primeiros hospitais, como se fossem depósitos, eram os mentecaptos aprisionados e acorrentados, submetidos a maus tratamentos físicos e agressões psicológicas. Nesses hospitais imperavam a imundície, a desassistência, a alimentação deficiente e a escassez de iluminação e ventilação.

*Anne Rooney* assinala no seu livro *A História da Medicina*, que em 1357, no hospital de *Bethlem* em Londres, a título de diversão, o

[Retorna ao Sumário](#)

público podia visitar esses infelizes, com permissão para catucá-los com varas e assim presenciar as conseqüentes reações bizarras.

Nos mais diferentes recantos mundo afora, esse foi o modelo prevalente, coadunando-se com a mácula da incompreensão e atrocidade.

Mas há um momento em que se identifica o início da reversão dessa barbárie, ocorrido durante a Revolução Francesa. A mudança veio quando *Philippe Pinel* (1745 – 1826) foi nomeado diretor do *Hospital Bicêtre*, o hospital geral para homens, em Paris. Contrariando concepções arraigadas, *Pinel* decidiu tratar os insanos, começando por libertá-los das suas correntes. Este ato tão marcante para a história da psiquiatria foi documentado em pintura pelos artistas *Charles Muller* e *Tony Robert-Fleury*.

No nosso meio a situação não foi diferente. Em 10 de janeiro de 1881, no consistório da Santa Casa de Misericórdia da Paraíba, há ofícios dirigidos ao presidente da província, dando conta da precária assistência concedida aos alienados, mantidos trancafiados em

quartos do hospital sob degradantes condições de insalubridade.

Em 1889, surgiu o Asilo da Cruz do Peixe, mais próximo de um repositório para humanos mentalmente enfermos do que de um nosocômio, com doze celas escuras e sem arejamento. Cada uma com uma porta pesada dispendo de uma abertura de forma triangular, através da qual passava a alimentação e, também se dava a comunicação entre aqueles miseráveis e enfermeiros, médicos e familiares. No chão, a presença de um orifício indicava o local para as necessidades fisiológicas, deixando escapar gases nauseabundos. Nas paredes e através da abertura triangular, os mais excitados atiravam restos alimentares e até fezes, como está registrado no livro de Dr. Oscar de Castro, *Medicina na Paraíba*.

A terapêutica se restringia a calmantes, bromuretos e reclusão.

À época, dois psiquiatras - Dr. Otávio Ferreira Soares e Dr. Joaquim Correia de Sá e Benevides - lideraram um movimento visando dotar a capital de um moderno hospital psiquiátrico. O então presidente da província da

Paraíba, Sólon de Lucena, sensibilizado com a causa, autorizou o início da construção. Antes, porém, Dr. Joaquim Correia esteve no Rio de Janeiro e São Paulo visitando instituições congêneres, trazendo valiosas sugestões. À frente do projeto e começo da obra, esteve Dr. Herald Damascena e, por precisar se ausentar, foi substituído por Dr. Jorge Leusinger.

O novo hospital, denominado Hospital Colônia Juliano Moreira, foi inaugurado em 1928, no governo João Suassuna. Seu nome é uma manifestação de respeito ao grande psiquiatra brasileiro.

Por oportuno registre-se, o notável escritor Lima Barreto em função do alcoolismo e suas consequências, assim como seu pai, recebeu tratamento em instituições psiquiátricas, no Rio de Janeiro.

No seu livro, *O Cemitério dos Vivos*, relata a dura experiência enfrentada pelo doente mental em um hospital psiquiátrico, embora inclua como lenitivo, o encontro ocorrido entre ele e Dr. Juliano Moreira e assim contado:

Na segunda-feira, antes que meu irmão viesse, fui à presença do doutor

[Retorna ao Sumário](#)

Juliano Moreira. Tratou-me com grande ternura, paternalmente, não me admoestou, fez-me sentar ao seu lado e perguntou-me onde queria ficar. Disse-lhe que na Secção Calmeil (área destinada aos pensionistas). Deu ordens ao Santana (enfermeiro) e, em breve, lá eu estava.

Ainda sobre o Hospital Colônia Juliano Moreira, em suas enfermarias, assistíamos as aulas práticas, sem que nada soubéssemos a respeito da sua história e dos médicos pioneiros que fantasiosos, viabilizaram sua construção. Uma lacuna que contribui para a falta do cultivo à memória.

Começar a estudar a doutrina psiquiátrica imprimia na maioria dos estudantes uma experiência tão fascinante que num primeiro impulso, muitos se inclinavam a abraçar a especialidade. A leitura de livros como *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (Freud), *Os Quatro Gigantes da alma* (Mira y López) e *Psicologia do Inconsciente* (Jung) e filmes a exemplo de *Freud, além da Alma* (John Huston), muito contribuíram para o glamour então reinante.

[Retorna ao Sumário](#)

Dr. Heronides Coelho, o regente da disciplina, era um homem fleumático, erudito e, ao apresentar-se, muito formal. Entre seus escritos, deixou o livro *A psiquiatria no País do Açúcar e Outros Ensaíos*. Seu assistente, Dr. Thiago Formiga, notabilizou-se como um estudioso da psiquiatria forense. É o autor de *Memórias da Insanidade*.

Com o progredir do estágio, haveria de vir o contato mais frequente e direto com o doente mental e a inevitável realidade: quadro psicótico, delírio, depressão severa, impregnação medicamentosa, sessão de eletroconvulsoterapia e outras situações igualmente desafiadoras, que aos poucos contribuiriam para o arrefecimento do entusiasmo inicial dos alunos.

Mas as motivações que impelem as pessoas na tomada de decisões, muitas vezes, são imprevisíveis. O que pode ser rejeição para uns, vira instigação para outros.

Foi o que aconteceu com Júlia, uma das colegas de turma mais destacadas, avessa ao convencionalismo. Culta, grande leitora dos clássicos, amante da boa música, sensível e de um aguçado espírito crítico. Alta e esguia,

simpática e aderente aos exercícios físicos. Ficava bem com seus cabelos lisos, longos e acobreados. No rosto e ombros, sardas salpicadas aqui e ali. Seus olhos esmeralda sugeriam haver em ocasiões, traços de melancolia. Pois bem, Júlia decidiu fazer psiquiatria e assim se justificou, falando aos colegas enquanto tomava chope na Casa dos Frios:

*Quando criança na companhia da minha mãe, presenciei, na pacata cidade interiorana em que nasci, uma cena inusitada, acontecida em um caminhão estacionado em frente à Praça da Matriz onde havia uma pequena aglomeração. Estando nas imediações, dirigiu-se minha mãe até lá, guiada pela curiosidade. Vimos então na carroceria de um caminhão, preso por cordas a uma tábua que servia de banco, um homem ainda jovem, fisicamente forte, proveniente da zona rural e que havia sofrido um quadro psicótico com delírios e agressividade. Estava sendo conduzido ao hospício da capital. Alguns dos presentes provocavam-no para ver como reagia. Ele cuspiu, agitava-se e olhando*

*para o céu, dizia coisas desconexas, despertando risos na plateia improvisada. Ao certificar-se do que se tratava, minha mãe logo cuidou de deixar o local arrastando-me pelo braço. Aquela exibição chocante frequente ainda hoje as minhas lembranças.*

Presentemente um desejo me move: estudar o mais profundamente possível a mente e o comportamento do ser humano. Decidi fazer psiquiatria.

Seguiu-se um brinde à Júlia com abraços e afagos.

## MATERNIDADE CÂNDIDA VARGAS

As disciplinas de ginecologia e obstetrícia eram ministradas na Maternidade Cândida Vargas - moderna, espaçosa e imponente, situada na esquina das Avenidas Coremas e João Machado. A entrada, voltada para a primeira. No seu interior, uma longa rampa interliga o térreo com o primeiro andar.

Anteriormente, existia uma outra maternidade estadual localizada nas vizinhanças, mais precisamente, no Complexo da Rua Alberto de Brito, em Jaguaribe. Com a abertura da nova maternidade, a anterior deixou de funcionar por não mais atender às exigências da sua finalidade.

A Maternidade Cândida Vargas foi construída pela Legião Brasileira de Assistência - LBA. Deu-se a inauguração no dia 16 de agosto de 1945.

A LBA foi criada em 28 de agosto de 1942, sob a orientação, da então primeira-

dama do país, Sra. Darcy Sarmanho Vargas, com a intenção de ajudar as famílias dos soldados enviados à Segunda Guerra Mundial. E foi extinta em 1995, no governo Collor de Melo. Com o desaparecimento da LBA, a maternidade foi incorporada ao sistema municipal de saúde de João Pessoa.

A autoria do projeto coube à firma J. C. Lima, ficando a construção a cargo do engenheiro Francisco Cícero de Melo, e como diretor-técnico o Sr. Meyer Faimbaum.

A Maternidade Cândida Vargas com bloco cirúrgico, berçário, salas de parto, enfermarias, ambulatórios, apartamentos, laboratório, banco de sangue, posteriormente ultrassonografia e demais serviços complementares de apoio, deu início a uma nova fase no estado, no campo da assistência às gestantes e parturientes.

Ao longo dos anos, teve seu conceito consolidado como uma grande escola de obstetrícia e ginecologia, tendo à frente das duas disciplinas, respectivamente, os respeitáveis professores Danilo de Alencar Luna e Lauro

dos Guimarães Wanderley, além dos seus dedicados e competentes assistentes.

Responsabilizava-se pela neonatologia, o Professor Herbert de Miranda Henriques. O Professor Delosmar Domingos de Mendonça, integrante da disciplina de obstetrícia, demonstraria mais adiante identificação com a poesia e a evolução da medicina na capital. Entre seus livros publicados, despertou muito interesse, *História dos Hospitais da Capital Paraibana*. Fez parte da Academia Paraibana de Medicina. Sua esposa, a Professora Tereza Carvalho de Mendonça, da disciplina de ginecologia, foi a responsável pela introdução da colpocitologia no estado. Seu ingresso na Academia Paraibana de Medicina deu-se pelo estímulo da Professora Maria de Lourdes Britto Pessoa que na academia foi muito atuante, chegando à presidência. Na faculdade, regeu a disciplina de psicologia médica e na clínica privada, manteve o consultório de psiquiatria em funcionamento até seus noventa anos.

Muitos foram os estudantes da maternidade, seus plantonistas, que após a residên-

cia médica, se transformaram em obstetras e ginecologistas e passaram a exercer a profissão em diversos estados brasileiros, alguns dos quais tendo optado pela docência universitária.

As mães de João Pessoa e cidades vizinhas, em especial as que integram as camadas socioeconômicas menos favorecidas, sabem e reconhecem a inestimável contribuição dessa instituição que se faz presente para amparar, em um dos momentos mais significativos e indelévels das suas vidas, a hora em que nascem seus filhos, passagem mesclada com situações díspares – medo, incertezas, dor, sonhos, prazer e muita alegria.

Na primeira estrofe do poema *Mater*, o poeta Augusto dos Anjos assim aborda este instante:

*Como a crisálida emergindo do ovo  
Para que o campo flórido a concentre,  
Assim, oh! Mãe, sujo de sangue, um novo  
Ser, entre dores, te emergiu do ventre!*

A circunstância também serve para relembrar uma das contribuições históricas à

[Retorna ao Sumário](#)

medicina, oferecida pela obstetrícia por intermédio de um dos seus maiores vultos.

Na precedência de *Pasteur e Koch*, em 1848, *Ignaz Semmelweiss*, um médico húngaro, na cidade de Viena, ficou intrigado ao constatar elevados índices de mortalidade em mães acometidas por febre puerperal, atendidas por médicos em uma ala, quando comparados com uma segunda ala, cujos partos eram assistidos por parteiras.

Observou que os médicos vinham diretamente da realização de necrópsias para fazer os partos e concluiu que deveria haver alguma relação direta entre esse fato e a infecção puerperal. E estava certo. Preconizou então que os médicos lavassem as mãos com uma solução de hipoclorito de cálcio antes de entrar na sala de parto, e então, os índices de infecção passaram a ser comparáveis aos encontrados nos partos a cargo das parteiras. As mãos de médicos conduzindo infecções?

Embora tenha contado com apoios isolados, a concepção de *Semmelweis* foi recebida com indiferença e criticada por colegas influentes. O ministro da educação, por

exemplo, recusou-se a nomear uma comissão para investigar seus argumentos. Desapontado e frustrado, deixou Viena no final de 1850, retornando à Hungria onde teve oportunidade de dar sequência às suas convicções.

Vitimado por distúrbios neurológicos não completamente esclarecidos, a esposa o conduziu a Viena onde ficou em um sanatório para doentes mentais. Faleceu em 13 de agosto de 1865, vítima de infecção em ferimentos, muito provavelmente causados por atendentes durante sua internação.

A propósito, é de 1892 a novela *Enfermaria N. 6* de *Tchekov*, médico e um dos mais talentosos escritores russos. A obra aborda a rotina de um médico que trabalhava em um hospital decadente de uma isolada cidade provinciana russa. O autor enfatiza a enfermaria n. 6, onde se encontravam confinados alguns poucos doentes mentais.

Estes são apresentados ao leitor, assim como o guarda *Nikita* que espancava e roubava os pacientes. Aos enfermos, o médico *Andrei Efimich*, também responsável pela direção do hospital, não lhes dedicava a atenção

devida. A certa altura, *Efimich* passa a se aproximar de um dos internados, um ex-estudante de medicina de nome *Ivan Dmitrich* que aponta a desumanidade do tratamento adotado e outros desmandos ali existentes, sem deixar de acusar a cumplicidade do médico. Os diálogos inicialmente conflitantes evoluem para um clima de troca de ideias e reflexões construtivas.

Às autoridades municipais, ao novo médico recém-chegado à cidade e que cobificava o cargo do velho médico, a *Nikita* e a outras pessoas, a atitude humanizada assimilada por *Efimich*, dando atenção a um doente psiquiátrico, foi maliciosamente interpretada como indícios de um provável distúrbio mental.

Não demorou e, não só perdeu o cargo de diretor, mas viu-se envolvido em uma teia ardilosa de situações criadas, culminando com sua internação na própria enfermaria n. 6.

Em uma noite, ofegante e revoltado com tanta injustiça, começou a bater com força na porta, pedindo insistentemente para sair, por não mais suportar permanecer naquele

inferno. Irritado, *Nikita* abriu a porta e esmurrou seu ex-chefe, no rosto e nas costas, levando-o ao chão. Morreria no dia seguinte, sem antes deixar de experimentar um estado intrigante de perplexidade e descrenças, seguindo-se uma certa indiferença a tudo. No atestado, constou apoplexia como a causa da morte.

Quanto à *Semmelweis*, em Budapeste, há um monumento a ele consagrado, no qual, ele de pé, em um pedestal, segura um livro em sua mão esquerda, e, em um plano inferior, uma jovem mãe encontra-se sentada com uma criança ao colo, olhando para ele numa atitude clara de admiração e reconhecimento. Outras crianças incluídas pelo artista brincam ao seu redor.

Essa mãe do monumento de alguma maneira parece exprimir igualmente o sentimento de gratidão de outras tantas, pobres e anônimas, aos profissionais da Maternidade Cândida Vargas, em João Pessoa, onde deram à luz os seus filhos.

## HOSPITAL DE PRONTO SOCORRO

O livro *Medicina na Paraíba* de Dr. Oscar Oliveira Castro, publicado em 1945, dedica um capítulo às instituições médicas e de assistência. Lendo-o, tem-se uma ideia do esforço ingente empreendido por prefeitos, em tempos idos e por períodos administrativos sucessivos, com altos e baixos, no sentido de dotar a capital do estado de um serviço de urgência médica.

Na Avenida Visconde de Pelotas, região central de João Pessoa, em uma área resultante da desapropriação de casas, seria construída a Assistência Pública, criada em 1924, no governo municipal de Dr. Walfredo Guedes Pereira, embrião do futuro Hospital de Pronto Socorro.

No início, um simples pavilhão ao qual ao longo dos anos lhe foram acrescentados anexos, bloco cirúrgico, um primeiro andar, aquisição de instrumental médico-cirúrgico, gabinete odontológico, laboratório, aparelho de radiologia e treinamento do corpo de

funcionários. A premência das demandas, impro-visações, disponibilidade de recursos sempre aquém das necessidades, nortearam esse caminhar.

A primeira versão do Hospital da Santa Casa também ficava na Avenida Visconde de Pelotas, em frente à Assistência Municipal. Foi demolido em agosto de 1924, quando já estava aberto o atual Hospital Santa Isabel, igualmente da Santa Casa de Misericórdia, edificado no bairro Cruz do Peixe, cuja pedra fundamental foi lançada em 12 de outubro de 1908.

Restou um bico de pena de autoria desconhecida que reproduz a composição externa desse primeiro Hospital da Santa Casa.

Vê-se, era um prédio esquinado formando um bloco retangular com piso térreo e primeiro andar. Na fachada maior voltada para a Visconde de Pelotas, há duas fileiras de seis janelas quadrangulares, superpostas, uma à outra. Na fachada lateral, duas portas, e correspondendo ao primeiro andar, quatro janelas, duas delas, dotadas de um balcão. É possível divisar também, à altura das janelas uma estrutura saliente, muito provavelmente o brasão da Santa Casa. Na intersecção das duas

fachadas, destaca-se uma coluna formada por pedras calcáreas polidas.

Os estudantes buscavam a qualquer custo estagiar no Hospital de Pronto Socorro. A oportunidade era esperada com muita ansiedade, o ingresso ocorrendo a partir do quarto ano do curso. Clínicos e cirurgiões formavam a equipe de plantonistas e aos estudantes, ofereciam espontaneamente orientação e supervisão, embora não houvesse uma obrigação oficial, pois nem eram docentes, nem recebiam remuneração específica.

Muito se aprendia no Hospital de Pronto Socorro. Ao contrário do que ocorria nas enfermarias e ambulatórios, o atendimento de urgência e emergência exigia uma dinâmica própria, com menos tempo disponível entre o atendimento, conclusão diagnóstica e conduta correta a ser adotada e, por ser um desafio, tudo isso fascinava. Havia também no Hospital de Pronto Socorro, um setor de traumatologia com um aparelho de radiologia e sala de gesso para os casos de fraturas, sob a responsabilidade à época, do Professor Francisco Mendonça, um homem sóbrio e que só falava o estritamente necessário. Como boa surpresa, seu filho Sérgio Rolim Mendonça, escritor, engenheiro sanitaria e ambiental, em

[Retorna ao Sumário](#)

uma de suas crônicas de reminiscências falando da infância, externou:

*Nós, brasileiros, somos uma raça especial, uma grande miscigenação. Ainda valem música clássica, óperas famosas e músicas românticas mexicanas, todas essas absorvidas na minha infância devido à influência de meu pai. Ele possuía uma vitrola que sempre funcionando com os discos de vinil da época (long-play de 12 polegadas, 33 1/3 rpm), sempre a tocar esses três tipos de músicas citadas.*

Permanece na lembrança o prédio do Hospital de Pronto Socorro, pintado de branco, sua frente dando para a avenida Miguel Couto, a lateral esquerda para a Avenida Visconde de Pelotas e os fundos para a Rua Arthur Aquiles. A face frontal da Visconde de Pelotas comportava muitas janelas estreitas no sentido vertical, próximas entre si e ao encontrar-se com a fachada da Miguel Couto, formava um ângulo arredondado.

Anos depois, o velho prédio do Pronto Socorro seria demolido, e em seu lugar surgiu um outro, destinado à área operacional da Telecomunicações da Paraíba (TELEPA), que passava por uma etapa de expansão e moder-

[Retorna ao Sumário](#)

nização. O projeto da construção substitutiva revelou-se hermético, desprovido de janelas na fachada da Miguel Porto, lembrando um grande caixão. Teria de ser necessariamente assim, tão pouco estético, mesmo que para atender a finalidades de interesse técnico?

Por sua vez, o Hospital de Pronto Socorro transferiu-se para a Avenida Epitácio Pessoa ocupando um imóvel, de alguma maneira adaptado para a nova função, muito distante de uma solução ideal.

Nessa época, o livro de referência no país era *Medicina de Urgência*, sob a coordenação de Emmanuel Alves, Editora Atheneu, Rio de Janeiro. O compêndio servia aos estudantes como suporte teórico necessário, embasando o aprendizado prático assimilado nos plantões. Entre os colaboradores desse livro, encontrava-se o médico paraibano Arnaldo Velloso da Costa, com participação na secção urgências neurológicas.

Constava do seu *curriculum* a residência na *Neurochirurgische Klinik der Universitat Freiburg* (Alemanha). Posteriormente, como pesquisador e professor visitante, retornou à Universidade de *Freiburg* tendo frequentado também o *Instituto Max Plank*, com o patro-

cínio da *Alexander von Humboldt Stiftung / Foundation*.

Um detalhe gratificante advinha do fato de Dr. Arnaldo Velloso após seu regresso da Alemanha, ter trabalhado como neurocirurgião em João Pessoa, por cerca de dois anos, e justamente no nosso Hospital de Pronto Socorro. A seguir, mudou-se para Brasília, onde por muitos anos e até seu falecimento, exerceria medicina na área da ortomolecular. Nas horas de lazer, tocava bandolim e aqui chegou a criar um conjunto musical que se apresentava nas residências em ocasiões festivas.

Se os personagens aqui elencados não nominam ruas ou logradouros públicos da capital é porque, certamente, aos ouvidos dos integrantes da câmara municipal não chegaram informações a respeito da inestimável contribuição por eles oferecida nas áreas da assistência médica, ensino superior e cultural à população de João Pessoa e cidades vizinhas. Um equívoco passível de ser corrigido.

Quanto aos imóveis, os citados e qualquer outro, desde que guardadores de qualidades históricas e artísticas, teriam de ser

salvaguardados, com o intuito de assegurar a singularidade, a identificação cultural e o encanto de cada lugar. E nunca esquecer, a preservação da memória é uma tarefa de todos.

"A consciência preservacionista não precisa colidir com o progresso inevitável e até desejável que identificará a ocasião acertada para novas edificações e obras urbanísticas. A modernização não significa demolir o antigo e no mesmo local construir o novo, e sim, conciliar a boa herança deixada pelos ancestrais, quando merecedora da manutenção, com as exigências contemporâneas, papel a ser exercido com discernimento pelas gerações conscientes e competentes de cada tempo, a pluralidade como riqueza.

[...]

O respeito esperado às diferenças, em algum aspecto, lembra o que pode ocorrer a uma família quando convivem harmonicamente bisavós, avós, pais, filhos, netos e bisnetos, cada um transmitindo o seu modo de viver, sua época e seus códigos, muito tendo o que oferecer uns aos outros, numa rica e saudável reciprocidade."



# CRM-PB

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DA PARAÍBA